

REVOLUÇÃO ATRAVÉS DA PALAVRA: REFLEXÕES ACERCA DO USO DA LITERATURA E DA ORALIDADE COMO EXPRESSÃO SOCIAL E ATUAÇÃO POLÍTICA NO *SLAM DAS MINAS - RJ*

DOI
10.11606/issn.2525-3123.
gis.2021.175918

ORCID
<https://orcid.org/0000-0002-7153-0469>

TAYNÁ CORRÊA DE SÁ¹

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, RJ, Brasil,
20051-070 – ppgsa@ifcs.ufrj.br

RESUMO

A resistência e a luta política dão-se de diversas formas, e uma delas é através da arte. O presente artigo é resultado de uma pesquisa em desenvolvimento que busca entender os sentidos e os efeitos políticos da participação feminina no *slam poetry* brasileiro e de como essa forma de manifestação artística se relaciona com o território da cidade. Através de uma abordagem etnográfica, o artigo pretende demonstrar como mulheres e pessoas trans estão atuando politicamente através da poesia falada e de como a união de seus corpos vem incidindo no espaço público nos eventos do *Slam das Minas* na cidade do Rio de Janeiro.

PALAVRAS-CHAVE:

Slam poetry;
Arte; Política;
Resistência;
Artivismo.

ABSTRACT

This article is a result of research in progress that wants to understand the meanings and the political effects of female participation in Brazilian *slam poetry* and the way that this artistic expression interacts with the territory of the city. Using an ethnographic approach in

¹ Pesquisa financiada pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Número do processo: 88887.342145/2019-00.

KEYWORDS:
*Slam poetry; Art;
Policy; Resistance;
Artivism.*

the Slam of Minas events in the city of Rio de Janeiro, the article intends to show how women and trans people are acting politically through spoken poetry and what are the effects of the union of their bodies in the public space.

SLAM DAS MINAS: INTERVENÇÕES CULTURAIS E POLÍTICAS NO ESPAÇO DA CIDADE

O direito à cidade é um conceito que abrange uma variedade de sentidos dentro dos estudos urbanos. Acionado primeiramente por Henri Lefebvre (2011), o conceito se refere ao direito pleno a uma vida urbana transformada e renovada. Esse direito pleno, segundo o autor, constitui no acesso a direitos humanos básicos como o direito à instrução e à educação, o direito ao trabalho, à cultura, ao repouso, à saúde e à habitação. O direito à cidade defende também a necessidade da criação de uma cidade voltada para as necessidades sociais através de uma revolução urbana que englobe as classes operárias, vítimas da segregação e privadas da vida urbana em sua totalidade. Mobilizado também por David Harvey (2014) no sentido de um direito mais coletivo do que individual, o direito à cidade se constrói sobre a ideia da reinvenção da cidade através do exercício de um poder coletivo sobre o processo de urbanização. Ele é “mais do que um direito de acesso individual ou grupal aos recursos que a cidade incorpora: é um direito de mudar e reinventar a cidade mais de acordo com nossos mais profundos desejos.” (2014, 28). Harvey define o direito à cidade no sentido da reivindicação de algum tipo de poder configurador sobre os processos de urbanização e sobre o modo como as cidades são feitas e refeitas.

A discussão sobre o direito à cidade e sobre a disputa pelo espaço urbano se concentra em grande parte no processo de urbanização excludente que resultou em cidades marcadas pela divisão territorial onde predominam a desigualdade social e política, com centros urbanos segregados e exclusivos que não refletem a totalidade da vida social. O acesso livre ao espaço e aos recursos urbanos se encontra sob o poder do Estado e daqueles que pertencem às classes mais privilegiadas da sociedade. Frente a isso, grupos sociais menos privilegiados lutam em busca da reivindicação desses espaços, que em definição pertence a todos, mas na prática segrega, diferencia e exclui.

Diferentes estratégias são mobilizadas para reivindicar o direito a esses espaços e para construir uma cidade mais inclusiva e justa. Uma dessas estratégias é o uso político da voz e do corpo. Historicamente silenciadas, as camadas menos privilegiadas da sociedade buscam a quebra do silêncio imposto pelas estruturas de dominação reivindicando através da voz e da presença física de seus corpos, espaços físicos e simbólicos. A mobilização

política dessa voz e desses corpos se dá em grande parte através de produções artísticas e culturais. Resultante de experiências, práticas e relações, essas produções funcionam como um meio de expressão, através do qual os sujeitos se comunicam e transmitem sua visão do mundo, possibilitando a percepção do quadro social, cultural e econômico das sociedades em seus diferentes momentos históricos e sociais (Oliveira 2015).

De acordo com Oliveira (2015), a arte funciona como um meio de comunicação por onde é possível reproduzir aspectos culturais de determinada sociedade e também permite uma possibilidade de superação de conflitos quando utilizada como forma de resistência e expressão política. Além disso, determinadas produções culturais, compreendidas como representações, elucidam mesmo que parcialmente, relações de poder estabelecidas, sendo indícios de práticas, ações e valores em negociação. São produções culturais que através de seu caráter crítico e político, buscam incidir no mundo e produzir mudanças sociais significativas. A produção cultural se torna, a partir disso, importante para os debates em torno da sociedade contemporânea, pois parte considerável dela constitui meios de expressão ligados às classes populares e, sob seu prisma, ganha corpo uma intrigante interface entre história, cultura, sociedade, protesto social e vida cotidiana (2015, 18).

As relações possíveis entre arte e política são uns dos pontos centrais da pesquisa que vem sendo desenvolvida e que deu origem a esse artigo. Para pensar essas relações, trabalho com o conceito de *artivismo*. O *artivismo* pode ser definido como um neologismo conceitual ainda de instável consensualidade, tanto no campo das ciências sociais quanto no campo das artes. Ele apela a ligações entre arte e política, estimulando os destinos potenciais da arte enquanto ato de resistência e subversão. Pode se manifestar em intervenções sociais e políticas, produzidas por pessoas ou coletivos através de estratégias poéticas e performativas. A natureza estética e simbólica do *artivismo* amplifica, sensibiliza, reflete e interroga temas num dado contexto histórico social, visando a mudança ou a resistência, consolidando-se como causa e reivindicação social e simultaneamente como ruptura artística (Raposo 2015).

O conceito, segundo Costa e Coelho (2018) remete à arte política e crítica e abrange a arte como manifesto político, desviando do padrão hegemônico das expressões artísticas, mesmo que variem esteticamente. As principais características da arte de protesto são a possibilidade de autoria por pessoas que não sejam necessariamente profissionais da arte, a abordagem de temas do cotidiano, intervenções realizadas em espaços públicos e a popularização fora de espaços artísticos tradicionais. Adicionalmente, o uso de meios não convencionais de comunicação também é destacado, assim como a intervenção crítica através da arte. O *artivismo* aborda

principalmente temas que dizem respeito aos grupos minoritários e periféricos da sociedade, buscando para isso, fugir dos meios tradicionais e hegemônicos conhecidos principalmente por negligenciar os problemas estruturais da sociedade e por reforçar estereótipos e condutas. A importância da arte como fonte de expressão cultural e social se dá porque a arte, devido à sua enorme capacidade de sensibilização, funciona como um importante instrumento de protesto, atingindo e emocionando aqueles que estão sendo tocados por ela, além de promover ações, concretas e simbólicas, contra as diversas formas de injustiça social presentes na sociedade. Costa e Coelho (2018) ainda ressaltam que a arte política, na medida em que é autorreflexiva, encontra no seu teor político, social-crítico e reivindicativo, um movimento para suplantar a técnica formal e tornar visível outros sentidos, significados e subjetividades de protesto, registrando e expondo os anseios de dada sociedade e de sua forma de ver o mundo, bem como problematizando questões sociais e políticas que parecem invisíveis.

Seguindo essa linha, investigo na pesquisa os sentidos políticos da arte em um movimento artístico de caráter urbano e periférico, o *slam poetry*. Conhecido como *slam*, o *slam poetry* surgiu em um bar de Chicago, nos Estados Unidos, em 1986 e foi criado pelo poeta e operário de construção civil Mark Kelly Smith. Principalmente um movimento ligado à periferia, o *slam*, segundo a pesquisadora e *slammer*² Roberta Estrela D'Alva (2011), pode ser definido como uma competição de poesia falada, um espaço para livre expressão poética, uma ágora onde questões da atualidade são debatidas, ou até mesmo mais uma forma de entretenimento. É também, como colocado por Vilar (2019), um material poético e artístico híbrido, uma forma de arte que permite o reconhecimento de diferentes formas de saber e de estar no mundo, uma ferramenta de autodeterminação de comunidades marginalizadas que podem encontrar nesses espaços ouvintes que compartilham experiências semelhantes. Nos *slams*, o mal-estar é transformado em lirismo, a estética e a vivência são as fontes do fazer poético e os temas ultrapassam fronteiras, quase sempre refletindo problemas estruturais comuns a diversas sociedades.

Os slams promovem uma integração entre os participantes do evento, visto que tomam a proporção de uma celebração, onde a palavra é comungada entre todos, em um círculo poético onde as demandas do agora de determinada comunidade, suas questões mais pungentes, são apresentadas, contrapostas e organizadas de acordo com as experiências que esta vivencia (D'Alva 2011). Para que um slam aconteça é necessário que exista a participação coletiva e ativa de todos os presentes. O termo “comunidade” define bem os grupos que praticam o poetry slam, já que esses vêm se

2 Nome dado aos poetas que participam de poetry slams.

organizando coletivamente em torno de um interesse comum, sob um conjunto mínimo de normas e regras (D’Alva 2011). Essas regras serão responsáveis por definir como o evento será conduzido, visto que regem desde o tempo que durará cada performance até o modo como essas poesias devem ser faladas pelo *slammer*.

Existem três regras fundamentais que devem ser respeitadas: os poemas devem ser de autoria própria do poeta que vai apresentá-lo, devem ter no máximo três minutos e não podem ser utilizados figurinos, adereços, nem acompanhamento musical. São escolhidos de forma aleatória cinco jurados dentro do público presente no evento e cabe a eles a missão de avaliar as performances dos poetas, dando notas que vão de 0,0 a 10,0, onde a maior e a menor nota são descartadas para que não haja nenhum tipo de favorecimento ou desfavorecimento por parte dos jurados. Todo o evento é conduzido pelo *slammaster*, que é a pessoa que atua como uma espécie de apresentador e mestre de cerimônias. O público também é parte importante das competições de *slam*, interagindo durante todo o evento com os poetas e agindo como uma espécie de termômetro, pois é através das reações do público que percebemos como a poesia foi recebida pelas pessoas presentes.

O movimento, que surgiu nos Estados Unidos, já se espalhou pelo mundo e vem ganhando bastante espaço no cenário brasileiro. De acordo com o último levantamento feito pelo SLAM BR³ em novembro de 2019, existem hoje 210 *slams* em 20 estados brasileiros, todos muito ligados às periferias e a temas sociais, como a violência, preconceito, sexualidade e baixa representatividade política. É importante ressaltar a direção política que o *slam* tomou no Brasil como um movimento principalmente de pessoas negras e periféricas. Segundo Sabino (2020), na contramão das batalhas poéticas de países como Estados Unidos e França, as edições de *slam* no Brasil são realizadas majoritariamente por pessoas negras, principalmente mulheres, não acadêmicas e pobres. Além disso, as poesias dos/das poetas versam sobre vidas marginalizadas, traduzindo experiências atravessadas por avenidas constitutivas como raça, classe, gênero e território.

Alguns dos grupos que vêm ganhando cada vez mais notoriedade são os grupos com recorte de gênero, como é o caso dos grupos de *Slam das Minas*, que são organizados exclusivamente para a participação de mulheres e pessoas trans. Criado pela primeira vez em Brasília no ano de 2015 e depois em São Paulo no ano seguinte, atualmente o coletivo atua em 17 estados brasileiros e surgiu com a necessidade da criação de um espaço que tivesse como objetivo acolher e dar protagonismo às vozes de artistas mulheres. Além disso, também era um objetivo ampliar os espaços ocupados por

3 Campeonato Brasileiro de Poesia Falada.

elas nos saraus, recitais e competições⁴, como por exemplo o SLAM BR e a Copa do Mundo de Slam, que é realizada na França.

As narrativas expostas nos encontros do *Slam das Minas* questionam principalmente as formas de violência presentes na sociedade e buscam demonstrar como essas violências atravessam e constituem parte das vivências dessas mulheres. No Rio de Janeiro, cidade onde realizo minha pesquisa, o *Slam das Minas* acontece de forma itinerante em espaços públicos desde maio de 2017 e foi criado por iniciativa do poeta Tom Grito, sendo atualmente organizado e formado por Moto Tai, Débora Ambrósia, Gênesis, Tom Grito, Rejane Barbosa, DJ Bieta, Andrea Bak e Lian Tai.

Através da análise da produção artística e da trajetória dessas mulheres, busco compreender como a arte vem sendo mobilizada de forma política na busca da construção de espaços inclusivos e livres de violência. Nesse artigo farei uma breve descrição de uma das batalhas de poesias do *Slam das Minas* – RJ, realizada no ano de 2019. Pretendo demonstrar como a palavra vem sendo mobilizada politicamente, explorando a importância da voz dessas mulheres e a potência das performances poéticas nos espaços públicos.

ROMPENDO COM O SILÊNCIO: A FORÇA POLÍTICA DA PALAVRA

O *Slam das Minas* se apresenta, em um material artístico do coletivo, como um evento “que reúne mulheres das mais diversas localidades na busca de um espaço seguro e livre de opressões para desenvolvimento da potência artística de mulheres (héteros, lésbicas, bis, pessoas queer, agender, não binárias e trans)”. Em uma entrevista⁵ cedida ao blog “Poeme-se”, a poeta Gênesis, uma das integrantes do coletivo, diz que os eventos e intervenções do *Slam das Minas* - RJ têm como objetivo a revolução através da palavra, promovendo a cura e a libertação das vozes de mulheres que foram tanto tempo silenciadas.

4 Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/19/cultura/1550599627_105700.html (acessado em 01/12/20).

5 Parte da resposta dada pela poeta Gênesis, integrante do *Slam das Minas* – RJ, quando questionada sobre em que acreditavam as integrantes do movimento. Entrevista cedida ao blog Poeme-se. Disponível em: <https://blog.poemese.com/entrevista-com-ge%CC%82nesis-do-slam-das-minas-rj/> (acessado em 15/01/20).



FIGURA 1. Slam das Minas 2 Anos. Fonte: Acervo Pessoal.

As razões do silenciamento dos grupos oprimidos e principalmente, das mulheres negras, para bell hooks⁶ (2019) são variadas e multidimensionais, tendo como razões mais óbvias as expressões do racismo, do machismo e da exploração de classe para reprimir e silenciar. A voz, para essas pessoas, é um ato de resistência, um gesto político que desafia políticas de dominação que conservam esses grupos anônimos e mudos. bell hooks afirma que fazer a transição do silêncio à fala, é para o oprimido e para o explorado um gesto de desafio que cura, que possibilita uma vida nova e um novo crescimento. O ato de fala e de erguer a voz, segundo ela, é uma expressão da transição de objeto para sujeito. Encontrar a voz se torna um ato de resistência, onde falar é tanto uma forma de se engajar em uma autotransformação ativa quanto um rito de passagem quando alguém deixa de ser objeto e se transforma em sujeito, promovendo assim a libertação da condição de aprisionamento trazida pelo silêncio imposto.

⁶ Respeitando a escolha da autora, seu nome aparecerá com iniciais minúsculas neste artigo.

Nesses eventos a palavra e a voz são os principais agentes de mudança e de transformação. A poesia escrita e falada por essas mulheres é um manifesto contra a cultura hegemônica que violenta e as coloca em posições subalternas dentro da sociedade. A partir do uso da voz e da quebra do silêncio que é imposto pelas estruturas de dominação, espaços físicos e simbólicos são reivindicados e o poder é confrontado, na busca da criação de novas realidades que possibilitem o surgimento de novos caminhos, que trilhados, tornem possível a mudança social.

A palavra, através do emprego da oralidade, é o personagem principal nas batalhas de slam. É através das suas diversas empregabilidades que os sujeitos que ali frequentam se expressam, expõem suas narrativas e buscam transformação em suas vidas. Os *slams* surgem explorando a força política da palavra, onde um dos principais objetivos é o fortalecimento de vozes que foram por tanto tempo silenciadas. Além disso, a poesia periférica desafia noções amplamente aceitas sobre o que é literatura, como ela é produzida e difundida, buscando principalmente reivindicar seu lugar enquanto produção literária, sem precisar estar validada pela literatura considerada “tradicional”. Ela surge de uma necessidade de autorrepresentação de pessoas que estão cansadas de terem suas vidas contadas por outros. Pessoas que querem e estão falando por si e que estão explorando os diversos usos da linguagem para tal, expondo através das rimas a pluralidade dos contextos geográficos e sociais. É através da linguagem que a substância e a materialidade da vida são captadas, possibilitando uma troca de experiências entre aqueles que estão ali presentes.

De acordo com Facina (2014), do mesmo modo que a cultura pode servir para submeter e exercer violência simbólica, ela também permite a construção de memórias e outras identidades, demarcando diferenças como afirmações positivas de dissidências políticas, subjetivas, existenciais e culturais. Segundo a autora, a cultura pode surgir como um recurso que pode vir a ser acionado “para a produção de contra-hegemonias emancipatórias, permitindo colocar em perspectiva, relativizar e se contrapor ao discurso hegemônico” (Facina 2014, 6). Ao refletir sobre cultura e pacificação no Complexo do Alemão, a autora demonstra como os moradores do Complexo utilizaram a cultura como forma de resistência e de reconstrução depois dos processos de intervenção e pacificação das UPPs (Unidades de Polícia Pacificadora) e dos programas de remoção de moradias do PAC (Programa de Aceleração ao Crescimento). Além de serem formas de resistência, as manifestações culturais nesses contextos configuram também formas de construir uma memória e de imaginar novas formas de viver:

Diaspóricas, as culturas das favelas são narrativas que portam a memória de lutas, de experiências compartilhadas que se perpetuam na história por meio das poesias, das

músicas, das formas de interação social, da arquitetura e em tantos outros lugares onde a criatividade enfrenta o mundo tal como ele é e ensaia o mundo como vir-a-ser. (Facina 2014, 11).

O trabalho de Lopes et al (2018) também demonstra a importância dos processos de criação artística na construção de novos espaços e de novas sociabilidades. A partir da escuta etnográfica da história de letramento de dois jovens estudantes universitários, produtores de intervenções culturais e moradores de áreas subalternizadas na cidade do Rio de Janeiro, os autores buscam mostrar como aqueles que foram subalternizados pela modernidade não se entregam pacificamente à escrita, mas se apropriam e transformam seus significados, “constituindo-se como autores de suas próprias histórias e reinventando formas de agir, de narrar e de sobreviver linguística e culturalmente” (2018, 23). Nas narrativas expostas, a escrita e a leitura caminham juntamente com o engajamento político mostrando histórias que fazem contraponto às narrativas hegemônicas que representam a juventude periférica como sujeitos destituídos de habilidades e competências e que necessitam ser colonizados, civilizados e educados (idem).

Pesquisas sobre o *rap* e o *hip hop* (Alves 2016; Cura 2017) também mostram a importância de entender a arte como intervenção social e política nos espaços marginalizados. O trabalho de Oliveira (2015), já citado neste artigo, analisa desde o surgimento do *rap* até sua transformação em um movimento consolidado que ficou conhecido principalmente como uma expressão cultural e política das periferias. O autor defende que incidir o olhar sobre as relações *rap*-sociedade torna possível o estudo de como certas tensões sociais se exprimem no campo da cultura, além da forma como essas produções demonstram uma atitude engajada, um posicionamento crítico e uma postura de protesto, se mostrando uma alternativa de ação social e um ponto de convergência entre o individual e o coletivo. Já os trabalhos de D’Alva (2011), Stella (2015), Araújo (2019), Vilar (2019), Sabino (2020), Neves (2020) e Freitas (2020), contribuem de forma significativa no debate sobre o *slam poetry* brasileiro, abordando o surgimento das batalhas, os processos de consolidação do movimento e suas especificidades. E mesmo tendo recortes de pesquisa diferentes, todos partem da análise do *slam poetry* no Brasil como um movimento cultural de resistência e de atuação política em espaços marginalizados, demonstrando seu caráter político e revolucionário.

As poesias do *Slam das Minas-RJ* possuem em sua maioria um conteúdo autobiográfico e identitário. Temas como questões de gênero, machismo, racismo, negritude, empoderamento feminino, direito à cidade, ativismo político e modos de vida periféricos são frequentemente abordados nas

poesias. Tendo como uma de suas premissas principais levar ao lugar do “outro”, o principal objetivo das narrativas expostas nos slams é tocar através da voz. As/os poetas declamam suas poesias através de performances poéticas e corporais que tem como finalidade despertar a emoção e prender a atenção do público, fazendo com que as vivências que estão sendo compartilhadas através da poesia se tornem visíveis e sejam apreendidas por aqueles que estão presentes.

O público é uma das partes mais importantes dos *slams*. Além de atuar como júri nas batalhas, é através do público que temos dimensão do impacto que a poesia e a performance causaram e isso acontece porque ele funciona como um termômetro das performances das/dos poetas. É observando as reações do público que podemos perceber de que forma a poesia recitada foi recebida. A resposta positiva dos espectadores surge quando sentimentos são mobilizados e em alguns casos, essa mobilização se dá através de um processo de identificação com o que foi exposto na poesia, já em outros, esses sentimentos surgem através da relação de fala e escuta que se estabelece entre a/o poeta e o seu público, uma relação que é baseada principalmente na empatia.

A batalha de poesia que descrevo nesse artigo ocorreu no evento comemorativo de 2 anos do *Slam das Minas*, no dia 15 de junho de 2019. O evento foi realizado na Banca do André, na Cinelândia, região central da cidade do Rio de Janeiro. Marcado para iniciar às 16h, o 4º evento da temporada de 2019, começou por volta das 19h e terminou depois das 2h da madrugada. Por ser um evento comemorativo, foi montada uma estrutura especial com barracas que comercializavam livros, objetos artísticos, alimentos e outros produtos. A estrutura montada criou um espaço acolhedor para a realização do evento, onde a batalha aconteceu na parte central entre essas barracas. A região escolhida para essa batalha é uma região de grande movimentação e de fácil acesso na cidade, perto do metrô e de linhas de ônibus, facilitando assim a chegada das pessoas que foram chegando conforme ia anoitecendo. Pouco tempo depois do início da batalha a praça já estava com muitas pessoas. Não consigo definir ao certo a quantidade de pessoas que estavam presentes, mas o evento estava bem cheio principalmente por ser um sábado à noite.



FIGURA 2. Slam das Minas 2 Anos. Fonte: Acervo Pessoal.

Antes da batalha de poesia se iniciar, aconteceram algumas apresentações artísticas e musicais. Enquanto essas apresentações aconteciam, as poetas iam se preparando para o início da batalha que se deu logo após o *slammaster* Tom Grito apresentar as regras para o público presente. Como é costume de acontecer no *Slam das Minas*, no começo o microfone é aberto, o que significa que qualquer pessoa presente pode se inscrever para enunciar poesias ou fazer algum comunicado. Mas antes, como em toda batalha de *slam* que possui seu grito próprio, Tom puxou o grito “Slam das...”, onde recebeu como resposta do público o grito: “minas!”.

O evento contou com a participação de diversas pessoas, que vieram naquele espaço construído um ambiente acolhedor para expor através da poesia histórias de sua trajetória pessoal. Durante a batalha todas as performances foram bem recebidas pelo público e receberam muitos aplausos e gritos de apoio, o que é um comportamento incentivado pelos apresentadores, que dizem que apesar de ser uma batalha de poesia o objetivo não é só a batalha em si, mas incentivar e apoiar as poetas que estão ali se apresentando. A batalha estava bem cheia nesse dia e o espaço era de certa forma pequeno, o que fazia com que as pessoas ficassem próximas e pudessem se ouvir e se olhar de perto. Uma parte do público ficava sentada no chão, no centro do espaço, e outra parte ficava em volta dessas

pessoas que estavam sentadas. Essa configuração era incentivada pelo *slammaster*, pois segundo ele facilitava a interação entre as poetas e o público. Quando uma poesia era bem recebida o êxtase era compartilhado e as pessoas se levantavam para aplaudir e ovacionar, além de olharem entre si como se buscassem compartilhar o sentimento causado por aquela performance. Uma das performances que mais movimentou a plateia e foi responsável por colocar o público presente em um verdadeiro êxtase foi a da poeta Valentine:

Sou como uma boneca, não tenho sentimentos
As minhas falas devem ser programadas
Quando não sirvo mais, sou jogada fora
Sem cerimônias ou lamentos
Boa de brincar, fácil de largar, não sou levada para passear
Entre quatro paredes ou em um baú é onde devo ficar
Guardo segredos
Sou amável, mas o amor eu não posso tê-lo
Afinal bonecas não sentem amor e nem medo
Não respondo ao padrão, não mereço amor não
É o que dizem os donos da razão
Meu sofrimento pra eles é diversão
Mas não importa, pois boneca não tem depressão
Sou como uma boneca
Mas não sou uma boneca
Sinto medo, mágoa e solidão
Me machuco, sinto dor e sangro
Dentro do meu peito bate um coração
Mas vocês comigo vão continuar brincando
E essa poesia não vai terminar com uma rima
Verão que mais difícil do que prever o clima
É ser o objeto que tem vida
E tentar manter a graça, a ternura e o que restou da alegria
E eu não sei se vai adiantar avisar
Mas agora mais uma vez eu vou falar
Eu não sou boneca pra você brincar
Não sou objeto para você usar
Não sou fetiche para você experimentar
E não sou a porra de um produto pra você aproveitar
Eu sou uma mulher pra você respeitar
E acima de tudo, eu sou um ser humano
Meu nome é Valentine, jamais Valentina
Se quiserem me encontrar vão me achar num *slam*
Nunca numa esquina
(Valentine 2019)⁷

A performance de Valentine foi uma apresentação que agregou as principais características do que é considerada uma boa performance no *slam*:

7 Batalha comemorativa de 2 anos do *Slam das Minas* – RJ, 2019. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=H5KWmNBigs0> (acessado em 15/08/20).

ela aliou o uso da voz e do corpo na construção de uma performance potente que emocionou e prendeu a atenção do público presente, sendo ovacionada no final da sua apresentação. Através da poesia recitada e do uso do seu corpo de forma viva e intensa, Valentine abordou temáticas que atravessam e que constituem a sua experiência enquanto mulher preta e transexual. No poema transcrito, ela questiona o tratamento destinado ao seu corpo desviante, abordando principalmente a objetificação de um corpo que foge à lógica heteronormativa vigente na sociedade.

Através dos seus versos ela fala sobre questões sociais importantes, como é o caso da exclusão da população trans do mercado de trabalho. Nos últimos versos “Se quiserem me encontrar vão me achar num *slam*/ Nunca numa esquina” podemos perceber uma clara alusão ao processo que resulta em 90% dos travestis e transexuais vivendo unicamente da prostituição⁸ e de escassos trabalhos informais. A dificuldade de acesso aos empregos formais por parte da população trans se dá porque no Brasil, os padrões culturais constituem as identidades transgêneras como desviantes e inferiores, acarretando a dificuldade de acesso ao mercado formal (Almeida e Vasconcelos 2018). Ao dizer que se quiserem encontrá-la irão achá-la num *slam*, Valentine usa sua voz para recusar e protestar contra esse quadro, recusando a prostituição como modo de sobrevivência e reivindicando seu lugar enquanto poeta e artista.

Outra performance que causou grande impacto no público presente foi a da poeta Aline Anaya. Através da sua poesia, a *slammer* abordou um tema recorrente nas poesias escritas pelas mulheres que participam do *slam*: o assédio sexual.

Desde o início
Fadada ao assédio
A mercê da sujeira
Objeto do tédio
Eu nego
As memórias de sua malícia
Às portas de minha alma uma criança ainda grita
E é mó fita
Parecia brincadeira
Impunidade
Mente branca
Abusando da vila inteira
E eram alguns anos de distanciamento
O meu jeito frágil, pequeno, era alvo do seu tormento?

⁸ Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/transgenero-transexual-travesti-os-desafios-para-a-inclusao-do-grupo-no-mercado-de-trabalho/> (acessado em 07/08/19).

E tudo cheirava a manipulação
O teu sorriso no rosto
E no meu corpo a sua mão
Ah não!
Vamos às vias de fato
Da história do lobo mau eu era estudo de caso
Eu anulei alguns sonhos
Fui pele, saliva e fracasso
E como as antepassadas eu fui pega no laço
E eu jurei, assim lentamente
O seu suor foi gasolina pro meu ódio permanente
Eu peço aos orixás que protejam meu consciente
Pra que a fuga do meu olhar afaste macho indecente
E mesmo em frente
Eu só ando olhando pros lados
Se vier pro meu canto vai ser raiva ao quadrado
E eu botei no meu texto: manos, fiquem ligados
Hoje eu sou preta d'água
Se me tocar, morre afogado
(Aline Anaya 2019)⁹

A poesia de Aline Anaya além de relatar a forma como ela assimilou e reagiu à violência descrita na poesia, aborda uma prática característica de uma sociedade estruturada pela dominação masculina e que constantemente reduz as mulheres à condição de objeto. Além disso, é possível perceber como esse evento alterou a sua percepção do mundo e a forma como ela escolheu agir a partir dele. Assim como a poesia de Valentine, a poesia de Aline Anaya também foi recebida de forma enérgica pelas pessoas que estavam presentes. As experiências compartilhadas nas poesias contagiam os espectadores, tocando em pontos e em questões sensíveis e importantes.

Estar em campo como uma espectadora do *slam* foi uma experiência que me afetou diretamente. Além de estar como pesquisadora, também estava presente como mulher que ouvia em determinados momentos histórias que me afetavam por lembrarem coisas que já vivi ou por tocarem em lugares sensíveis. Assim, além do exercício do olhar etnográfico estava presente também uma escuta afetiva movida pelo despertar de sentimentos através das poesias. Esses olhares atravessados pelo afeto (Favret-Saada 2005) foram determinantes não só para a minha experiência em campo, mas também na escolha dos poemas incorporados nesse artigo.

9 Batalha comemorativa de 2 anos do *Slam das Minas* – RJ, 2019. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=L_QqT2SUGf8 (acessado em 15/08/20).

CORPOS EM ALIANÇA: ESTRATÉGIAS CONTRA AS VIOLÊNCIAS DE GÊNERO E DE ESTADO

Os eventos de *slam* se tornam então, além da batalha de poesia falada, um espaço onde essas mulheres se sentem seguras para se reunir e expressar suas trajetórias pessoais, tratando de temas voltados para o lugar das mulheres e de toda a população que é posta à margem da sociedade. Como posto anteriormente, os *slams* acontecem em sua grande maioria em espaços públicos e esses eventos possuem grande representação nesses espaços, pois segundo Butler (2018), o poder que as pessoas têm de se reunir é uma importante prerrogativa política. De acordo com a autora no livro “Corpos em Aliança e a Política das Ruas – Notas Para uma Teoria Performativa de Assembleia”, a reunião significa para além do que é dito, e esse modo de significação é uma representação corpórea concertada, uma forma plural de performatividade. Dentro dessas reuniões, o corpo que está exposto exhibe seu valor e a sua liberdade na própria manifestação, representando, pela forma corpórea da reunião, um apelo ao político. Para Butler, agir em concordância pode ser uma forma corporizada de colocar em questão as dimensões incipientes e poderosas das noções reinantes da política. Os corpos presentes são objeto das manifestações que tomam a precariedade como sua condição estimulante: são esses corpos que vivem a condição de um meio de subsistência ameaçado, de infraestrutura arruinada e de condição precária. São esses corpos que através de uma forma plural de performatividade, exigem condições melhores de vida e de existência em sociedade:

(...) quando corpos se juntam na rua, na praça ou em outras formas de espaço público, eles estão exercitando um direito plural e performativo de aparecer, um direito que afirma e instaura o corpo no meio do campo político e que, em sua função expressiva e significativa, transmite uma existência corpórea por um conjunto mais suportável de condições econômicas, sociais e políticas, não mais afetadas pelas formas induzidas de condição precária. (17).

Os corpos reunidos estimulam uma forma de solidariedade social, uma reunião representada por corpos sob coação ou em nome da coação, que significa uma forma de persistência e resistência (Butler 2018). Em um momento em que há a ascensão de governos conservadores e fundamentalistas, além do recrudescimento de agendas moralistas, as reuniões são também uma reivindicação pelo direito de se unir, se reunir em assembleia e de se expressar de forma livre. Essas representações plurais demonstram que as situações vividas por essas pessoas são situações compartilhadas e que elas não estão sozinhas: as situações criam a sensação de pertencimento. No caso do *slam* feminino, a partir do uso da voz e da quebra do silêncio que é imposto pelas estruturas de dominação presentes na sociedade, essas mulheres reivindicam espaços simbólicos

e físicos através das manifestações corporizadas representadas pelas batalhas de *slam*.



FIGURA 3. Slam das Minas 2 Anos. Fonte: Acervo Pessoal.

A atuação artística dessas pessoas é uma atuação política e performática de corpos que se lançam nos espaços públicos chamando a atenção para si e para as questões que os atravessam. Esse processo se intensifica e se mostra ainda mais simbólico quando protagonizados por corpos desviantes das normas, corpos que são vítimas de preconceitos e de processos de submissão. A inscrição desses corpos nos espaços públicos representa a luta pela quebra de um determinismo que define o lugar que esses corpos deveriam estar. Eles buscam um lugar e através da voz e da performance poética dizem: eu sou, eu estou aqui e eu quero ficar.

As poesias faladas nos *slams* constantemente abordam temas que questionam a atuação do Estado e uso do poder coercitivo nos espaços periféricos. Temas como a violência urbana e o uso abusivo do poder policial são

recorrentes nas poesias e explicitam como Estado atua nesses espaços e como essas práticas influenciam na vida dessas pessoas. As poesias também abordam a forma como as vidas periféricas são vistas como vidas descartáveis¹⁰ (Butler 2018). Essas tecnologias mobilizadas pelo Estado e pelas suas instituições regulam a vida cotidiana das pessoas que habitam os espaços marginalizados, resultando em uma relação centrada principalmente no exercício do poder estatal. O exercício do poder coercitivo e dominador em conjunto com a ausência de políticas públicas que possibilitem uma vida que possa ser vivida¹¹ resulta em uma existência que se dá entre a presença e ausência do Estado. O Estado se faz presente dentro desses espaços em uma tentativa de controle e se faz ausente no passo em que não busca implantar políticas públicas que diminuam a desigualdade, possibilitem uma vida digna e promovam justiça social.

Os espaços criados através dos *slams*, principalmente no caso do *Slam das Minas* com seus recortes específicos de gênero, facilitam que essas experiências sejam compartilhadas. São espaços criados intencionalmente com o objetivo de serem seguros e acolhedores, são espaços que incentivam a fala e a escuta, onde com a troca de saberes através da partilha do sensível (Ranciére 2005), novas realidades podem ser imaginadas e construídas em comunidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os espaços construídos através dos eventos realizados pelo *Slam das Minas* – RJ configuram não só espaços de resistência, mas também de reexistência, visto que as participantes se colocam todo o tempo como agentes de sua própria trajetória, buscando, além da mudança social, a mudança em suas próprias vidas. A exploração das dimensões políticas da arte e da poesia através da mobilização coletiva de mulheres constituem novas possibilidades de resistência às violências do cotidiano, resultando na construção de novos padrões de pensamento e ação. Através das performances artísticas e da exposição das narrativas pessoais, as/os poetisas que participam do *Slam das Minas*-RJ provocam a escuta e sensibilizam o público, colaborando com a construção de um espaço onde o direito à liberdade de expressão, o livre pensamento e o diálogo entre as diferenças possam ser exercitados. E como ressalta Roberta Estrela D'Alva (2011), um espaço autônomo onde é celebrada a palavra, a fala, e, ainda mais fundamental num mundo como o que vivemos – a escuta.

¹⁰ Para tratar essa questão, Butler (2018) recorre a discussão de biopoder de Foucault (2000) e de necropolítica de Mbembe (2003) demonstrando como se dá o controle dos corpos e a gestão da vida e da morte através do exercício das tecnologias de poder do Estado.

¹¹ Butler 2018, 33.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICAS

- Almeida, Cecília Barreto de; Victor Augusto Vasconcelos. 2011. Transexuais: transpondo barreiras no mercado de trabalho em São Paulo? *Revista Direito FGV*, São Paulo, V. 14 N. 2, 302-333.
- Alves, Rôssi. 2016. Resistência e empoderamento na literatura urbana carioca. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 49, p. 183-202.
- Araújo, Julia Figueiredo Murta De. 2019. *Juventude e produção literária: um estudo sobre poesia falada nas periferias paulistanas*. Dissertação de Mestrado em Estudos Culturais, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100135/tde-20022019-130313/>.
- Brasil, Amcham. 2017. Transgênero, transexual, travesti: os desafios para a inclusão do grupo no mercado de trabalho. *Estadão*, São Paulo, 10/04/17. Disponível em: <https://economia.estadao.com.br/blogs/ecoando/transgenero-transexual-travesti-os-desafios-para-a-inclusao-do-grupo-no-mercado-de-trabalho/> (acessado em 07/08/19).
- Butler, Judith. 2018. *Corpos em aliança e a política das ruas: notas para uma teoria performativa de assembleia*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Costa, Maria Alice; Naiara Coelho. 2018. A(r)tivismo Feminista – Intersecções entre Arte, Política e Feminismo: Confluências. *Revista Interdisciplinar de Sociologia e Direito*, Vol. 20, nº 2, 25-49.
- Cura, Tayanne. 2017. Tramas do rap: um olhar sobre o movimento das rodas culturais e a questão de gênero nas batalhas de rima e slams de poesia do Rio de Janeiro. In: *Anais do XL Congresso da Intercom*, Curitiba: UP.
- D'alva, Roberta Estrela. 2011. Um microfone na mão e uma ideia na cabeça – o poetry slam entra em cena. *Synergies Brésil*, nº 9, pp. 119-126.
- Facina, A. 2014. Sobreviver e sonhar: reflexões sobre cultura e “pacificação” no Complexo do Alemão. In: *Escritos transdisciplinares de criminologia, direito e processo penal: homenagem aos mestres Vera Malaguti e Nilo Batista*, Pedrinha, R. D. e M. A. Fernandes, Rio de Janeiro: Revan.
- Favret-Saada, J. 2005. Ser afetado (tradução de Paula de Siqueira Lopes). *Cadernos de Campo*, n. 13, p. 155-161.
- Foucault, Michel. 2000. *Em defesa da sociedade*. Trad. de Maria Prado Galvão. São Paulo: Martins Fontes.
- Freitas, Daniela Silva De. 2020. Slam Resistência: poesia, cidadania e insurgência. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, n. 59, p. e5915.
- Harvey, David. 2014. *Cidades Rebeldes: do direito à cidade à revolução urbana*. Trad. Jeferson Camargo. São Paulo: Martins Fontes, selo Martins.
- hooks, bell. 2019. *Erguer a voz: pensar como feminista, pensar como negra*. Trad. Cátia Bocaiuva Maringolo, São Paulo: Elefante, p. 380.
- Lefebvre, Henri. 2011. *O direito à cidade*. São Paulo: Centauro.
- Lopes, Adriana C et al. 2018. *Letramentos de sobrevivência: costurando vozes e histórias*. v. 10, p. 26.
- Mbembe, Achille. 2018. *Necropolítica*. São Paulo, n-1 edições.
- Neves, Natã. 2020. *Três minutos, duas mãos e uma voz: performances, trajetórias e sobrevivências nas batalhas de poesia*. Niterói.
- Oliveira, Joana. 2019. Poesia que grita contra o patriarcado. *El País*, São Paulo, 23/03/19. Disponível em: https://brasil.elpais.com/brasil/2019/02/19/cultura/1550599627_105700.html. (acessado em 01/12/20).
- Oliveira, Roberto Camargos de. 2015. *Rap e política: percepções da vida social brasileira*. São Paulo: Boitempo.

- Ranciére, Jacques. 2005. *A partilha do sensível: estética e política*. São Paulo, Ed. 34.
- Raposo, Paulo. 2015. "Artivismo": articulando dissidências, criando insurgências. *Cadernos de Antropologia e Arte*, Salvador, 4.
- Sabino, Maria Aline. 2020. "*Poesia que não mata, mas salva pro outro dia*": Performance, cotidiano e negritudes nas batalhas poéticas de slam. Rio de Janeiro.
- Saraiva, Hanny. 2019. Uma rede de poesia e potência criativa – Entrevista com Gênesis, do Slam das Minas - RJ. *Poeme-se*, 2019. Disponível em: <https://blog.poemese.com/entrevista-com-ge%CC%82nesis-do-slam-das-minas-rj/> (acessado em 15/01/20).
- Stella, Marcello Giovanni Pocai. 2015. Por que os Slams de poesia? *Ponto Urbe*, p. 19.
- Vilar, Fernanda. 2019. Migrações e periferia: o levante do slam. *Estud. lit. bras. contemp.*, Brasília, n. 58, e588.

TAYNÁ CORRÊA DE SÁ é mestranda no Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA/UFRJ) do Instituto de Filosofia Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e bacharel em Segurança Pública e Social pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Atualmente pesquisa as intersecções entre arte e política, buscando analisar a atuação artística e política de mulheres no movimento de *slam poetry* brasileiro. E-mail: taynacorrea.s@gmail.com

Licença de uso. Este artigo está licenciado sob a Licença Creative Commons CC-BY. Com essa licença você pode compartilhar, adaptar, criar para qualquer fim, desde que atribua a autoria da obra.

Recebido em: 05/10/2020
Reapresentado em: 28/02/2021
Aprovado em: 09/03/2021